

RACHEL ANDALAFT: VANTAGENS DO MERCADO LIVRE PARA RENOVÁVEIS NO BRASIL EM TEMPOS DE COVID

15/06/2020



O mercado de energia global nunca mais foi o mesmo desde o surgimento do novo coronavírus. A começar pelo petróleo, importante sinalizador de atividade econômica, que, desde o início da pandemia, vem apresentando queda na demanda maior que a redução da oferta, controlada pelos grandes produtores mundiais.

Para ilustrar o ineditismo do fato, nos últimos 35 anos, a única ocasião em que a demanda foi menor que no ano anterior ocorreu durante a crise financeira de 2008. Atualmente, hibernar plataformas de exploração de petróleo para retomar a produção mais à frente nem sempre é economicamente vantajoso, de forma que muitos são forçados a vender com prejuízo.

Esse acúmulo de estoques foi o que gerou a pane nos contratos futuros em 20 de abril, quando os preços acusaram um valor de -US\$ 40. A pressão na oferta e preços do petróleo seriam casos isolados, não fosse o choque de demanda que a sucedeu.

Movimento semelhante observa-se com os preços das energias renováveis nos mercados europeus, onde o choque da demanda causado pela crise do Covid-19 expôs o mercado spot a uma intensificação dos preços negativos. Antes tratados como eventos isolados, períodos contínuos de preços abaixo de zero levaram os agentes europeus a se adaptar rapidamente a este novo componente na gestão dos riscos.

Gestão de risco frente à canibalização

No Brasil, o setor elétrico sempre se expandiu à base do planejamento de longo prazo. Tal como no setor de commodities energéticas, atenta-se para o lado da oferta, supondo que o crescimento econômico se encarregará da demanda. Porém, usando o continente europeu como exemplo, o que a realidade nos mostra é que o consumidor será cada vez mais determinante nesse processo.

Estudo recente do Imperial College de Londres traz dados reveladores: quedas bruscas na demanda, que consequentemente poupem o acionamento de termelétricas, encarecem o custo de capital de novos projetos de fontes solar e eólica em torno de 2% a 3%. O que os números mostram é que a taxa interna de retorno exigida, ou seja, o risco do empreendedor, é maior quando ele fica exposto à dinâmica de preços.

Isso se deve à "canibalização" entre os agentes, pois, na falta de capacidade de armazenamento, todas as usinas acabam fornecendo energia ao mesmo tempo (quando existe irradiação solar ou ventos mais fortes). Na Inglaterra, somente em abril, foram registrados 69% dos eventos de preços negativos de todo o ano de 2020. A Alemanha, país que mais registrou preços negativos na Europa, viu um aumento de 78% nesses eventos em relação ao primeiro trimestre de 2019. Já na Holanda, o mercado chegou a ver preços negativos por mais de 6 horas no mesmo dia, o que acionou o mecanismo de interrupção do pagamento das tarifas subsidiadas de energia renovável.

A pandemia antecipou um problema que os europeus vislumbravam apenas para a próxima década, dadas as políticas públicas que blindam as receitas de projetos renováveis, e os baixíssimos custos de funding vigentes nos últimos 10 anos.

Neste momento, a Europa se vê obrigada a implementar mecanismos de proteção (hedge) para que mais agentes do setor continuem adicionando capacidade de geração ao sistema. Sem eles, suas alternativas se resumem à redução de Capex (componentes mais baratos), tecnologias mais eficientes ou localizações com melhor irradiação solar ou regime de ventos - ainda que possam estar distantes das redes de transmissão.

Cenário mais eficiente

O mesmo contexto não se aplica ao Brasil, cujo mercado é composto por dois segmentos. O ambiente regulado (ACR) segue a dinâmica dos leilões e tem compromissos fixados. Já o ambiente livre (ACL), com contratos bilaterais, sofre influência do preço mínimo do PLD (preço de liquidação das diferenças), que, se por um lado limita o efeito de canibalização, por outro recompensa as fontes de custo marginal mínimo, como a solar e eólica, que já figuram entre as mais baratas no mundo.

O motivo dessa organização de mercados não é difícil de entender: crédito sempre foi algo proibitivo no País, dada a nossa condição de economia emergente. Por conta disso, os agentes financeiros sempre exigiram garantias bastante sólidas, na forma de contratos de energia de longo prazo, para liberar recursos aos empreendimentos.

Com nossos projetos estruturantes basicamente hídricos, esses instrumentos têm por objetivo proteger as contrapartes de grandes flutuações no PLD. Crises do passado e judicializações em massa serviram para mostrar o quanto a segurança jurídica é importante. Hoje, ela é uma das principais determinantes para investimentos de fundos

internacionais, juntamente com a nossa posição geográfica favorecida e o nosso potencial de crescimento.

O fato de o mercado regulado ter sido recentemente atendido com medidas emergenciais do passado (a conta Covid, similar à conta ACR) pode ser justamente o impulso que faltava para promover mudanças de forma mais acelerada.

Ao incorporar a grande variação cambial da energia dolarizada de Itaipu e dos combustíveis que abastecem as térmicas, o impacto na tarifa não tardará a ser sentido pelo consumidor cativo. Essa vantagem situacional do mercado brasileiro não se sustenta no longo prazo.

A incorporação do PLD horário, separação de lastro e energia, e a abertura do mercado livre são evoluções inevitáveis. Ao utilizar um sistema que reflète de forma mais transparente as negociações pactuadas, será possível construir uma curva de preços de energia semelhante à curva de juros do mercado financeiro, que sinaliza o custo do dinheiro a todos os agentes. Com preços e taxas apontando para um futuro menos desconhecido, caberá à digitalização mostrar que a modernização do setor elétrico não pode mais esperar. O futuro já chegou para a Europa. Logo chegará para nós também.

** Rachel Andalaft é sócio-fundadora da REA Consult, empresa internacional especializada na viabilização de investimentos e gestão de transações em energia renovável, e escreve mensalmente para o Broadcast Energia. Esse artigo representa exclusivamente a visão da autora.*